

Resenha

ROHDEN, L. 2008. *Interfaces da hermenêutica*. Caxias do Sul, EDUCS, 271 p.

Rohden apresenta, nesta obra de extrema relevância filosófica contemporânea, a reunião de nove textos sobre hermenêutica, especialmente a hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer. Tais textos são agrupados em três grandes eixos que fazem interlocução com a hermenêutica: método, ética e linguagem.

No tocante ao método, a distinção entre hermenêutica metodológica (teológica, jurídica, epistemológica) e hermenêutica filosófica se inscreve em uma diferença basilar: enquanto a primeira foi proposta ao longo da história como um instrumento de uso para melhor interpretar ou interpretar corretamente, a segunda revela um modo de ser. Em tempos em que o Cogito cartesiano e os sistemas totalizantes da modernidade não mais consideram a pluralidade que é o ser humano, dotado não só de razão, mas também de imaginação e de um intrínseco poder criador, pode-se perceber a hermenêutica como possibilidade originária de conhecer, de pensar, de interpretar e de ser.

A interlocução com a ética, no sentido da filosofia prática aristotélica, aponta o diálogo como o lugar por excelência da efetivação de uma postura hermenêutica autêntica, postura que só pode ser instaurada partindo de uma escolha preferencial. O diálogo pressupõe a abertura ao discurso do outro, pressupõe que se escute o outro com a disposição interna de quem crê que esse outro realmente pode ter razão, ou seja, de quem crê na possibilidade de aprender com o outro ou de rever suas compreensões prévias a partir da palavra do outro. A consciência hermenêutica é a disposição constante para a abertura, para o imprevisível, para o novo que sempre surge no processo de compreensão, seja na interpretação de um texto, seja no encontro com a alteridade presente no diálogo. A abertura é essa disposição de acolhimento ao outro, disposição essa que é inerente ao dialogar, pois, do contrário, o próprio conceito de diálogo perde sua essência. Desse modo, aquele que não escuta o outro, entendida essa escuta na profundidade e na dimensão que Gadamer lhe atribui e que Rohden reitera, não dialoga, mas monologa.

Na terceira parte do livro, o autor aborda a linguagem literária e filosófica em contraponto à linguagem científico-analítica e apresenta os componentes metafóricos, ficcionais e verossímeis da linguagem literária e filosófica como instâncias produtivas da autocompreensão. O texto literário e o texto filosófico surgem como lugares privilegiados onde o leitor se constrói como sujeito. No movimento hermenêutico joga-se com projeções e memórias, lembranças passadas e expectativas futuras, estranhamentos e reconhecimentos, e, desse modo, vai-se construindo a própria identidade do leitor. Por intermédio da leitura traz-se à superfície o que, talvez, de outro modo, teria permanecido submerso e obscuro. O leitor se conhece, se desenvolve, se reinventa quando se entrega à experiência da leitura. Compreender-se perante a obra significa deixar acontecer esse encontro (entre leitor e obra) instaurado pelo próprio texto.

Contrariamente à transparência do Cogito cartesiano, o desvio pela opacidade do signo sugere que a compreensão do sujeito por si mesmo não acontece diretamente, mas reflexivamente, obliquamente. A perspectiva técnico-científica,

por outro lado, toma a linguagem como instrumento da ciência, sistema de sinais que a técnica e a lógica constroem e que, desse modo, servem para designar as coisas reais. A linguagem, nessa acepção, surge como um meio, um utensílio, de forma que, quanto maior sua exatidão e rigor conceitual e quanto menor sua ambiguidade, tanto mais perfeita será a adequação à coisa que se pretende designar. Tal modelo de concepção da linguagem buscou a idealidade, a universalidade, a própria essência da linguagem livre de toda ambiguidade.

A obra de Gadamer contribui de forma original e se inscreve na história da filosofia de várias formas: (i) propõe a hermenêutica filosófica, na qual a compreensão é o próprio modo de ser do sujeito; (ii) critica a pretensão de transferir o método das ciências, ditas objetivas, para a filosofia; (iii) aprimora o conceito de experiência atribuindo-lhe o caráter de irrepetibilidade; (iv) aborda a pré-compreensão e o pré-conceito não mais como entraves para um acesso puro e objetivo às verdades do mundo, mas como constatação de que pretender uma apreensão das coisas de forma neutra, absoluta, objetiva é ingenuidade ou soberba.

A proposta gadameriana apresentada por Rohden é, diferente de outras elaborações conceituais acerca da hermenêutica ao longo da história, a constatação daquilo que ocorre no momento do encontro entre leitor e obra. Tal constatação se abstém tanto de uma proposta descritiva, quanto de uma proposta prescritiva, “[...] o que está em questão não é o que nós fazemos, o que nós deveríamos fazer, mas o que, ultrapassando nosso querer e fazer, nos sobrevém, ou nos acontece” (Gadamer *in* Rohden, 2008, p. 35). Esse acontecimento entre leitor e obra (ou falante e ouvinte) faz emergir uma forma diferenciada de ver a relação entre sujeito e objeto, ou, dito de outro modo, de conceber o movimento inerente ao processo de conhecimento. Há um rompimento dessa dualidade clássica apresentada ao longo da história da filosofia, seja dando primazia ao sujeito, seja enaltecendo o objeto como determinante na relação. Assim, reunindo com criatividade e de forma interdisciplinar autores como Gadamer, Paul Ricoeur e João Guimarães Rosa, Rohden propõe, àquele que quiser entrar no jogo hermenêutico filosófico, uma terceira esfera. Com isso, não mais dois, mas três são os âmbitos compreendidos no movimento de compreensão: o do sujeito (leitor, proponente etc.), o do objeto (livro, autor, oponente etc.) e uma “terceira margem” advinda do encontro entre os primeiros, cujo resultado é sempre imprevisível.

A noção de jogo, central para a compreensão hermenêutica, abarca simultaneamente regras prévias e liberdade, o apodíctico e o verossímil, necessidade e contingência. É exatamente da interação entre essas oposições que surge a riqueza de tal metáfora quando aplicada ao fazer filosófico e à própria condição do ser humano no mundo. O jogador não tem total domínio do jogo, pois determinadas coisas ocorrem e são totalmente imprevisíveis. Apesar de haver um conjunto de regras, que são mais ou menos fixas, dependendo do tipo de jogo, há sempre elementos que não podem ser previstos.

O jogo é uma das propostas de Rohden como forma de atualização da hermenêutica gadameriana e, em última instância, é um convite filosófico dirigido ao leitor, pois “o autoritarismo não joga, impõe. Os sistemas absolutos não jogam, induzem e deduzem. O dogmatismo não joga, crê. O ceticismo não joga, silencia. [...] somente quem ainda não sabe [o que é o bem, o que é o belo, o que é a verdade], propõe-se, sempre de novo, a jogar o jogo filosófico” (Rohden, 2008, p. 87).

Jaqueline Stefani
Centro de Filosofia e Educação da UCS
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130
95070-560, Caxias do Sul, RS, Brasil
E-mail: jaquelinestefani@yahoo.com.br